

O Papel do Teatro na Escola Pública: o Caso da Escola Estadual Nair Palácio de Souza

Área Temática de Educação

Resumo

Trata-se de um projeto que além de buscar efetivar uma relação mais intensa da Universidade com a comunidade, contribui de maneira significativa no que tange a resolução dos problemas que afligem a Escola Estadual “Nair Palácio de Souza”. Nesse sentido Objetiva-se auxiliar os alunos do ensino fundamental e médio da referida escola a desenvolverem o potencial artístico e intelectual através da interação destes com acadêmicos em atividades de extensão. Para tanto é utilizado o espaço físico da UEMS na realização dos ensaios, assim como da participação de professores e alunos desta Universidade e da escola citada. Faz-se uso da dramaturgia, utilizando-se de obras de autores relevantes da literatura universal como Sheakespeare, Gil Vicente, Jhoan Goeth, Vinicius de Moraes, Ariano Suassuna, entre outros. Os resultados indicam que vale a pena acreditar nos alunos oriundos da escola pública. De maneira surpreendente, afloram o potencial artístico e a capacidade de análise crítica em relação aos textos, o que possibilita o crescimento intelectual, afetivo e criativo. Vale ressaltar o apoio recebido dos pais dos alunos envolvidos no projeto, confirmando então as nossas expectativas iniciais.

Autores

Alaíde Pereira J. Aredes
Regilane Mayara de C. Aniz
Maria A. Pedrão,
Patrice M. G. Landin
Gisele M. Gomes.

Instituição

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Palavras-chave: Palavras-chaves: teatro; escola pública; inclusão.

Introdução e objetivo

Com o intuito de buscar melhores características para as práticas de pesquisa da Universidade e gerar bases para a construção da consciência crítica, o respectivo trabalho através do Teatro, tem como meta principal integrar os alunos do ensino fundamental e médio da rede pública, em especial da Escola Estadual “Nair Palácio de Souza”, situada na cidade de Nova Andradina – Estado de Mato Grosso do Sul; assim como também a comunidade em geral, com o universo acadêmico.

Ampliar as oportunidades de extensão à população significa criar múltiplas oportunidades para o aperfeiçoamento profissional, ampliação cultural e complementação da formação escolar. Dessa forma, pode-se superar as limitações atuais dos conceitos existentes sobre a Extensão Universitária, criando diretrizes para que a própria sociedade possa ver e valorizar a atividades acadêmicas.

O Laboratório Dramático Teatral possibilitará um processo de aprendizagem humana com experiências de auto-investigação do individuo através de jogos, debates, palestras, exercícios específicos e na atitude reflexiva. O processamento dessa atividade possuirá bastante tato no trato das relações humanas, dentro de um programa de atividades que terá

uma firme organicidade interior, para que a experiência possa ter segmento e soma. Quanto mais fatos o aluno observar e conhecer, quanto maior for sua experiência, sua acumulação de impressões e lembranças, mais sutil poderá se tornar sua atenção. Sendo assim, as práticas teatrais desenvolverão nos alunos a concentração intensiva, o fortalecimento do poder e exatidão da memória, propiciará o aumento da densidade interna da expressão (corporais e faciais) do movimento do gesto, exploração da voz, formação corporal, afetiva e imaginária. Os exercícios servem para pesquisa superando a mera repetição, para que o aluno aprenda por ele mesmo tendo em vista suas limitações e bloqueios, como também a maneira de superá-los.

O Teatro é uma área onde se pode operar o aprofundamento da percepção, criando maneiras de observar que podem mais tarde ajudar na transformação humana, já que os grandes problemas da representação teatral não se distinguem dos grandes problemas da vida. O trabalho em conjunto é que vai dar a direção da peça, criando uma atmosfera criativa e impondo uma disciplina própria, que surgirá do compromisso interior do grupo. Interesse mútuo e cooperação são fatores essenciais para sua evolução. Propomos um estudo prático-teórico que investigue a captação das intenções humanas, visando desde a liberação dos meios de expressão e comunicação dos indivíduos e dos grupos até a articulação do discurso cênico.

O referido projeto ainda apresenta o objetivo de combater os seguintes males: trabalhar a questão dos preconceitos; o medo de se expor; o medo do ridículo, de falar e de não ser aceito; machucar quando alguém expõe uma crítica, evitar assim o agir na defensiva; não querer se comprometer; a irresponsabilidade; a indisciplina; a desorganização; a despreocupação com o aprimoramento; os condicionamentos que nos tornam dependentes; o desperdício de tempo; a autocritica durante o processo de criação; a tensão; a ansiedade; a pressa, a impaciência; histeria e o exibicionismo.

O Jovem adolescente: um ser que precisa de compreensão

A opção de trabalhar com jovens adolescente se deu em virtude de uma identificação com esta etapa da vida. O adolescente é um ser que precisa ser trabalhado de maneira séria. Esta fase não deve ser encarada como a fase da “aborrecência”, da indisciplina ou da irresponsabilidade. É um verdadeiro crime os estereótipos que se criaram em relação aos jovens neste fim de século. Ele é apenas um ser que precisa de compreensão e de uma atenção especial, afinal é um momento da vida onde mudanças mais estranhas ocorrem e de maneira impiedosa.

A literatura sobre a adolescência, tem revelado que esse é um período da vida que se caracteriza como a busca das definições sexual, social, vocacional e também pela libertação dos pais. Na verdade esta é uma fase onde o adolescente procura construir sua nova identidade, pois já não é mais uma criança e nem um adulto. Esta identificação vem no sentido de buscar o mundo adulto ou pelo menos se relacionar com ele. O objetivo fundamental desse período da vida é o estabelecimento da identidade, o adolescente deve se desprender de seu mundo infantil e encarar o mundo adulto, mas, com a idéia de que não é um adulto. O que está em implicação é a perda da personalidade para a construção de outra.(Japicanga, 1997).

Segundo Aberastury (1992), nessa busca da identidade “o adolescente não quer ser como determinados adultos, mas em troca, escolhe outros como ideais”. A partir daí vai se modificando lentamente. Na verdade o adolescente está à procura de sua ideologia e quando a encontra torna-se capaz de discutir, debater, confrontar suas teorias políticas e sociais e aqui ele se posiciona defendendo o seu ponto de vista, o seu ideal. Aberastury afirma ainda que “sua idéia de reforma do mundo se traduz em ação, tem respostas às dificuldades e desordens da vida, adquire teorias estéticas e éticas”(p.15). Enfim, ele se tornou um jovem capaz de discutir, de dar opiniões, de ser considerado dentro dos espaços onde ele vive e a escola é um deles.

Segundo Piaget (apud parra,1983) adolescência é a integração do jovem na sociedade adulta. Essa inserção exige uma mudança total de personalidade, bem como as transformações que ocorrem no raciocínio do jovem. Isso explica a tendência dos jovens, em geral, de construir as teorias e utilizar as ideologias de seu meio social.

Observando o adolescente no momento atual, percebemos uma nova geração, extremamente diferente das gerações passadas. Percebe-se jovens que adoram dançar, ouvir música, aliás, a música se tornou uma linguagem de valor universal entre eles. Mas também não é qualquer música, de preferência músicas que exaltem o seu jeito de ser, de agir, de pensar, enfim de sentir o mundo. Grupos como, "Cidade Negra", "Skank", "Raimundos", "Paralamas do sucesso", entre outros , fazem parte do repertório musical do jovem hoje (Japecanga, 1997).

Uma outra característica do adolescente na atualidade é o gosto pela violência, um exemplo disso está nos chamados rings de luta livre localizados na cidade de São Paulo. Seu público principal são os jovens adolescentes. As lutas livres são principalmente conhecidas como as lutas de "vale tudo" e que muitas vezes podem levar o adversário até a morte. É a violência física uma das opções de lazer do jovem adolescente oferecida pela sociedade atual, opção esta que pode obstacularizar o crescimento deste jovem tendo em vista o próprio fato de serem seres humanos, capazes de usar a razão para se desenvolverem tanto econômica quanto socialmente.

Nesse sentido, a sociedade pode estar contribuindo para a disseminação da própria violência, interrompendo a busca por parte destes jovens de ideais e de figuras ideais para se identificarem. Ao contrário, esbarram com esta violência, talvez até se identificando com ela e possivelmente venham a usá-la também. Isso pode ser um dos fatores que explica as atitudes de alguns alunos dentro da escola, mais especificamente dentro da sala de aula, que muitas vezes são violentas. Mas diz Marcuse (apud, ABERASTURY, 1981) referindo-se ao social: "se são violentos é porque estão desesperados". Diríamos, desesperados à procura das figuras ideais para que faça sentido a busca por uma outra realidade. Na verdade, eles querem outro tipo de sociedade, querem ser entendidos, querem se sentir responsáveis, querem dizer: "Hei estamos aqui". É de pensar.

Segundo dados da UNESCO, no ano 2000 o número de habitantes entre quinze e vinte e quatro anos chegou a um bilhão e cento e vinte e oito milhões. Isso traz as seguintes indagações: O que fazer para que o adolescente não se identifique com esse mundo de violência que o acompanha em todos os espaços, ou seja, na escola , no trabalho, no lazer, nas ruas etc.? Como a escola poderia contribuir para que o adolescente siga sua caminhada em busca de ideais ou de boas figuras ideais? Porque estas questões não preocupam as autoridades, os adultos, os educadores, os pais etc? Ou será que se preocupam e não encontram saídas para sua solução, ou por não conhecê-las ou por não acreditar mais em soluções? Porque não se ouve o que os jovens pensam de tudo isso? Dizem serem irresponsáveis, mas como um irresponsável pode escolher o representante do país, do Estado e do município? Parece que a sociedade não sabe o valor do voto, o que significa isso para a história de um país. No entanto, tudo isso é contraditório e ninguém questiona, exceto eles mesmos. Até se fazem uma outra pergunta, "se podemos escolher o futuro de nosso país, porque não podemos responder por nossos atos e porque não podemos obter a carteira de motorista?."

A sociedade, enfim, os espaços por onde circulam estes jovens impõem restrições à sua vida. A capacidade, a força e as atividades dos jovens adolescentes são esquecidas pelos adultos. Como já descrevemos acima, quase sempre eles são irresponsáveis, não sabem o que querem, mas como afirma Knobel (1981), isso acontece devido à ameaça que o jovem representa para o adulto, pois ele vai futuramente ocupar esse lugar: "O adulto projeta no

jovem a sua própria incapacidade em controlar o que está acontecendo sócio-politicamente ao seu redor e tenta, então, deslocalizar o adolescente”(p.53).

Desse modo, aqueles jovens capazes de contribuir para a melhora dos espaços, incluem-se aqui a escola, são restringidos, perante a idéia de que ainda não sabem o que falam ou fazem. Nesse sentido, os adolescentes perdem, então, a chance de se identificar com adultos mais capazes, mais críticos, mais conhecedores do mundo em que vivem, passando a se identificar com adultos incapazes, fracos, desacreditados, portanto, perde-se assim a oportunidade de se tornar um adulto que possa se encontrar num mundo realmente melhor.

Na escola, mesmo no mundo atual, altamente tecnologizado, o jovem, se quiser ser “considerado” deve passar pacientemente pela adaptação à velha e ultrapassada burocracia e pelas velhas e ultrapassadas metodologias de ensino, diríamos pelas velhas e ultrapassadas estruturas e funcionamentos escolares. Caso contrário, ele vai ser sempre considerado o “baderneiro”, o “desinteressado”, o “incapaz”, o “tumultuador” enfim, o irresponsável”, na verdade esta é a idade da “aborrecência” e não da adolescência, palavras comuns encontradas no interior de uma sala de professores e de uma reunião de conselho de classe. Imagina permitir que esta “aborrecência” avalie alguma coisa dentro da escola. Eles estão nela para aprender e isto quem tem que definir é o professor e não o aluno. Chega causar arrepios ao corpo docente a idéia de dar a voz ao corpo discente, não só a estes, mas também aos diretores, supervisores etc. Mas, porque desta reação ? Será que têm medo ou, como disse Knobel, se sentem ameaçados pelos jovens que realmente são capazes ?Têm medo do desequilíbrio, do novo, as vezes porque não conhecem ? Ou será que não?querem mudar as velhas estruturas e funcionamento da escola ? Porque a escola ainda continua distante da sociedade ?

No sentido de atenuar e ao mesmo tempo amenizar esta situação o projeto envolvendo o teatro, algo lúdico, poderá contribuir de maneira significativa.

Metodologia

Para se construir um trabalho de melhor qualidade é necessária uma contínua predisposição ao estudo e a pesquisa, sendo que em sua viabilidade e execução, o então mencionado projeto conta com o espaço físico da UEMS e da Escola Nair Palácio de Souza, que contém os recursos necessários ao bom andamento do mesmo, a saber: Um anfiteatro devidamente equipado para os ensaios e apresentações das peças teatrais, uma biblioteca com disponibilidade de recursos para que possam ser feitas as pesquisas necessárias, um laboratório com acesso a Internet, além de contar com acompanhamento em tempo integral por parte dos professores envolvidos. O respectivo projeto tem como ferramenta o uso da dramaturgia, utilizando-se de obras de autores relevantes da literatura universal como Sheakespeare, Gil Vicente, Jhoan Goeth, Vinicius de Moraes, Ariano Suassuna, entre outros. Visando o amadurecimento da consciência através do conhecimento e descoberta dos valores culturais.

Sempre monitorando e auxiliando os alunos e membros da comunidade, o citado projeto trabalha para que ocorra o desenvolvimento de esquemas que englobem as práticas da dinâmica de grupo tal como: Jogos: Livres (válvulas de aquecimento e integração grupal) Dirigidos (treinamento e superação de carências individuais e grupais) Improvisação: Livre (fluência da ação mental, gestual e oral) Dirigida (articulação dos eixos da idéia e da expressão) Improvisação: Através do estímulo a improvisação, os alunos serão conduzidos a explorar a imaginação, buscando a resposta espontânea ante o inesperado e a habilidade para solucioná-lo. Debates: Avaliação constante de cada etapa. Promoverão momentos de reflexão do grupo sobre os caminhos seguidos e os problemas surgidos. Discursos: Coletivo Aleatório; Coletivo Racional; Em Duplas. Anotações: Escritas do processo, das dificuldades, dos achados. As anotações favorecem a filmografia da memória. Desenvolver gráficos,

organogramas, fazer trabalhos artísticos como desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, ambientes de vitrine, cenários, cartazes, folhetos, dentre outros.

Resultados e discussão

Este projeto iniciou-se devido a acontecimentos surgidos em salas de aulas durante os estágios em escolas de ensino fundamental e médio. O comportamento desrespeitoso em relação aos professores, juntamente com as brincadeiras criadas pelos alunos para suprir o desinteresse pelas matérias estipuladas, fez com que surgisse a idéia de ultrapassarmos o espaço da sala de aula. Desde então, montamos um grupo teatral envolvendo crianças e adolescentes da escola Nair Palácio de Souza e com o resultado de ensaios ocorridos durante dias alternados da semana, apresentamos a peça teatral Auto da Barca do inferno (Gil Vicente) no término da V Semana de Letras da UEMS de Nova Andradina, no dia 26 de setembro de 2003, causando impressionismo em meio aos professores e membros da comunidade que estavam presentes na apresentação. Durante o decorrer dos dias foram anunciados os sucessos do espetáculo em vários cantos da cidade, surgindo assim convites de outras faculdades, congressos e escolas para que fosse rerepresentada a peça. O que mais causou espanto e admiração nas pessoas foi o fato de crianças e adolescentes de até 16 anos de idade, conseguirem dominar um texto tão complexo e difícil como o produzido por Gil Vicente na presente peça citada.

O grupo no momento atual recebe o nome de ILLUSION DRAMA. Hoje estamos atendendo os alunos do Ensino Médio. O novo grupo se formou em meados do ano de 2003, através da manifestação e interesse dos próprios alunos perante o convite proposto em sala de aula. Sendo que este convite foi feito em aula de estágio, em que, a acadêmica do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Campus de Nova Andradina, Regilane Mayara Carvalho Aniz percebeu o comportamento rebelde e desrespeitoso de alguns alunos em relação aos professores e a eles mesmos.

Esta convivência entre estudantes de diferentes faixas etária, alguns com maior experiência de palco que outros, foi se mostrando, ao longo do tempo, bastante enriquecedora. No começo, porém, antes de se pensar em montar qualquer espetáculo, foi necessário haver um período de adaptação, com aulas semanais de teatro em que os alunos, além de trabalhar elementos de expressão corporal, vocal, improvisação e interpretação, realizaram também uma série de dinâmicas em grupo, com o intuito de favorecer o entrosamento de todos.

Passada essa primeira fase, era chegada a hora de decidir sobre que tipo de peça a turma montaria. Então, justamente em função das diferentes experiências anteriores dos alunos, houve divergências: enquanto alguns sonhavam com papéis cômicos, outros preferiam desenvolver seu lado “dramático”, havia ainda aqueles que, estando no ano do vestibular, sabiam apenas que não desejavam para si personagens “grandes demais”.

O texto “ o auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente, proposto pela Professora de Teatro, veio para acabar com o conflito. Além de emocionar a todos logo na primeira leitura, seu estilo “ comédia satírica” proporcionava ao grupo duas possibilidades muito interessantes: a de trabalhar com diversos personagens cômicos, e a de criar novas cenas, enfim, moldar o material original de acordo com os mais diversos interesses. No fim das contas, ao longo do processo de criação e ensaios, os interesses acabaram se fundindo. Os alunos se envolveram de tal maneira com o espetáculo, que muitos deles optaram por fazer de tudo um pouco: foi possível ver em "O auto da Barca do Inferno”, adolescentes declamando suas falas aclopadadas com a linguagem de época do texto e logo depois arrancando gargalhadas da platéia; fazendo as mais irreverentes imitações e levando o público a se emocionar com o talento demonstrado.

Assim, mesclado de forma harmônica drama, tragédia, comédia, sátira e poesia, num extraordinário exercício de concentração e desenvolvimento de habilidades pessoais, a turma encontrou sintonia e descobriu o imensurável valor de um verdadeiro trabalho de equipe.

Conclusões

O trabalho com o teatro na Escola Estadual “Nair Palácio de Souza”, tem nos servido para mostrar que nossos jovens da escola pública apresentam um grande potencial artístico, conectado ao cognitivo, basta apenas acreditar, algo que falta à maioria de nossos professores, coordenadores e diretores e de uma certa forma, algo também ausente nas políticas públicas para a educação neste país. Fala-se tanto em Pedagogia da Inclusão, mas o que se vê é a Pedagogia da Exclusão no dizer de Pablo Gentili (1997). No sentido de amenizar este contexto é que se justifica o grupo de teatro ILUSION DRAMA. Vale a pena observar o que Pirandello escreveu: “Na Vida Real, os homens não escapam de sua situação de personagens, eternamente empenhados, como no palco, em manter uma forma e vestir uma aparência. Mas, a arte vinga a vida. Na criação artística o homem se torna Deus”.

Referências bibliográficas

- ABERASTURY, Arminda, KNOBEL, Maurice. Adolescência normal. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981
- AREDES, Alaide Pereira J. Participação discente: contribuição para organização do trabalho na escola. Dissertação de Mestrado. Unesp, Marília, 1997.
- CAMPANELLI, Samira Youssef. A Tele Novela. Série Princípios: Editora Ática 2º Edição. São Paulo, 1987.
- CASTRO, Dálcio Antônio de. Roteiro de Leitura. Editora Ática. São Paulo, 1993.
- ERIKSON, Erik Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976
- KENSKI, Vani Moreira O professor, a escola e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias.
- MANTOVANI, Ana. Cenografia. Série. Princípios. Editora Ática. São Paulo, 1989.
- PALLOTTINI, Renata. Introdução à Dramaturgia. Séries Princípios: Editora Ática. São Paulo, 1988.
- PARRA, Nélio O adolescente segundo Piaget. São Paulo: Pioneira, 1983
- PIMENTA, Arlindo C. Sonhar, Brincar, Criar, Interpretar. Editora Ática. São Paulo, 1986.